

Rio oficial: real, imaginário ou simbólico?

Uma representação distante...

Isabella Perrotta

Palavras-chaves: *Rio de Janeiro, heráldica, imaginário, símbolo*

Resumo

O brasão de armas da cidade do Rio de Janeiro pode ser considerado o primeiro símbolo oficial da cidade. Através dos princípios da heráldica pode-se encontrar o significado ou razão de escolha dos elementos de sua composição. Mas teremos dificuldade em explicar o motivo de seus diversos redesenhos, tentar relacioná-los com episódios específicos e momentos históricos da cidade ou encontrar associações entre os símbolos utilizados e os componentes do imaginário popular carioca.

Desde a segunda metade do século 20, os governos municipais do Rio vêm utilizando-se de logotipos e sistemas de identidade visual que mais recentemente são substituídos a cada nova prefeitura, com o intuito de marcá-las. Nenhuma das tentativas, porém, chega a ser pregnante ou ganhar reconhecimento entre os habitantes da cidade.

Rio official: real, imaginary or symbolic?

A distant representation...

Isabella Perrotta

Keywords: *Rio de Janeiro, heraldic, imaginary, symbol*

Abstract

The coat of arms of the city of Rio de Janeiro can be considered the first official symbol of the city. Using the principles of heraldry, one can explain the meaning of its components or why they were chosen. However, it would be difficult to explain why it has been redesigned so many times, or to try to correlate those redesigns with specific events in the city's history or with popular images.

Since the second half of the Twentieth century, the governments of the city of Rio de Janeiro have utilized logos and other visual systems to try to uniquely identify that government. None of the attempts, however, has achieved the objective of being associated by the inhabitants of Rio with a specific government.

1. Introdução

Representando o real ou o imaginário, o uso de símbolos gráficos como meio de comunicação vem do homem primitivo. O desenvolvimento destes símbolos evoluem e aparecem de modo importante, e bem característico, sob a forma de brasões de nobres europeus nas soleiras dos castelos medievais. Aos poucos tais insígnias passaram a representar não só pessoas e famílias nobres, mas sociedades, corporações, cidades, estados e países. A medida que passaram a ser utilizados nos escudos de combate, surge o termo “armaria” — os brasões são chamados de *armas*, e a sua arte de *heráldica*.

Segundo Fernandes (2003) uma tapeçaria de Bayeux, sec. XI, é considerada o 1º registro heráldico na história medieval, pois mostrando a invasão normanda, de 1066 na Inglaterra apresenta os cavaleiros usando escudos decorados com desenhos geométricos e dragões. Supõe-se que sejam símbolos heráldicos vindos do século IX, de descendentes de Carlos Magno. Existem, porém, controvérsias sobre a autenticidade de tal tapeçaria, uma vez que as suas características, e também as roupas e os hábitos de comer lá reproduzidos, parecem ser de época muito mais recente do que o ano de 1066.

Fala-se que como ofício, a armaria teve seu princípio no século XII, passando a subordinar-se a preceitos rígidos nos fins do século XIII. Ele esteve ativo até o final do Século XVIII, quando a febre política da república, que tomava conta do mundo desde a queda da Bastilha extinguiu-o. Os republicanos temiam que, através desses símbolos, o povo continuasse ligado à monarquia ou, até mesmo, reivindicasse sua volta.

As famílias podiam ser banidas por continuarem ostentando seus brasões nas soleiras de suas casas; e livros de registros brasonários, foram queimados em praça pública. Alguns clãs, no entanto, conseguiram fazer com que a tradição da brasonaria ficasse viva até os dias de hoje. Ocultaram os armoriais em seus porões e conseguiam passar de mestre para discípulo, e de pai para filho, a arte destes símbolos, obedecendo convenções, regras e padrões rígidos de desenho

Os brasões logo passaram para as bandeiras, que surgiram exatamente como um suporte para eles. Rocha (2003) conclui que mesmo sendo difícil afirmar onde e quando surgiu o objeto bandeira, provavelmente veio da antigüidade.

Na Grécia a bandeira já era usada para representar grupos populacionais já organizados como estado. Os romanos usam as

bandeiras, já no formato retangular hoje padronizado, em suas cavalarias, à frente dos movimentos de expansão territorial. Mostrando organização e hierarquização nas insígnias militares do Império Romano.

Fig 1: esquema para desenho de brasão



O desenho dos brasões, em geral parte de um campo cujo desenho lembra o escudo dos guerreiros medievais, dividido em 9 partes, (fig. 1) onde se apresentam as figuras. As cores são denominadas *metais* (ouro e a prata) e *esmaltes* (vermelho, azul, verde, preto). As menos defidas como púrpura, vinho e laranja eram menos usadas. Pelos princípios básicos da heráldica, nunca se coloca junto o ouro e o amarelo ou a prata e o branco. Usa-se sempre contrastes fortes para permitir a representação de brilho nas armas. A armaria prevê a reprodução dos brasões coloridos em traço preto, estabelecendo regras de representação das cores por padrões de texturas gráficas. O ouro é representado por um padrão pontilhado, o prata pelo fundo branco, o preto pelo quadriculado, o vermelho pela achúria vertical, o azul horizontal, o verde diagonal; e para as outras cores, tramas mais complexas.

Os dois primeiros reis ingleses a usarem a heráldica foram Ricardo Coração de Leão e William – o Leão da Escócia. Ambos utilizaram-se de desenhos de leões em seus brasões. Este foi então o animal mais usado na heráldica, e a partir daí todo um repertório simbólico foi sendo definido de acordo com os preceitos regionais e temporais. Com as regras de normatização de desenho das armas armoriais, no século 13 o leão passa ter que estar sobre duas patas e a cabeça de perfil.

Outros animais foram usados para refletir as características que o usuário admirava no bicho escolhido por ele. A águia foi a mais importante das aves, muito usada na Idade Média. As serpentes aparecem na época Tudor, mas outros répteis foram raríssimos.

Nos séculos 16, 17 e 18, usou-se muito o lobo, o urso e o falcão. A raposa, por ser pouco nobre em suas virtudes, quase não. O golfinho equivalia ao leão em terra e à águia no céu. Os insetos, aracnídeos e crustáceos foram de uso limitado. Existem exemplos de gafanhoto e besouro. A abelha indicava operosidade ou trabalho. O escorpião apareceu no século 20.

As flores mais usadas até o século 18 são a rosa (a mais importante arma floral na heráldica inglesa), a flor de lis (a mais importante na francesa) e os trevos.

As árvores, são raríssimas até 1700, em geral limitadas a sua correspondência com o nome de família, tendo o seu uso aumentado a

partir do século 18. As folhas, também tiveram pouca importância na época medieval, aparecendo com mais intensidade a partir de 1700. Hoje em dia é muito usada a folha do maple canadense, que fora incorporada, em 1860, ao brasão do Regimento do Príncipe de Gales, no Canadá.

As frutas, foram reservadas para as coincidências com os nomes de famílias, com as exceções da romã (numa alusão às sementes do saber) e da avelã, cuja árvore era considerada do discernimento na época pré-cristã. O alho-poró aparece em Gales, e os outros vegetais foram ignorados.

O uso de monstros estava ligado ao imaginário e à literatura medieval. O dragão logo do início da heráldica permaneceu presente por vários séculos. O unicórnio, por ser ligado à imagem de Cristo, era uma raridade na heráldica medieval, mas tona-se popular nos séculos mais recentes.

2. Rio de Janeiro, Brasil

A cidade do Rio de Janeiro atravessou diversas e relevantes fases em sua história. Foi capital do vice-reinado, do primeiro reinado, município da corte, capital do segundo reinado e, finalmente distrito federal (capital da república). Com a mudança da capital federal para Brasília, converte-se numa cidade-estado – Guanabara – até 1974, ano da fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara.

Mantendo a tradição que o país incorporou, o Rio desde sempre teve sua representação oficial no brasão que até hoje aparece nas placas de escolas, bibliotecas e hospitais da prefeitura. A bandeira da cidade é praticamente um suporte para o brasão, ainda que com pequenas adaptações. Mas, ao contrário do que acontece com a bandeira nacional, não chega a ser um símbolo forte, que sai do seu suporte, tem seus elementos decupados, multiplica suas formas, mas mantém uma identidade.

Foi o brasão da cidade que sempre assinou cartas, placas de obras ou propagandas governamentais. É muito mais recente, do fim do século 20, a institucionalização de um logotipo e de um sistema de identidade visual para a cidade. Tanto o brasão como a identidade visual da cidade já passaram por diversos redesenhos. Muitas vezes o logotipo é usado junto com o brasão, o que nos faz questionar sua eficiência.

O primeiro brasão foi criado em 1565, em função da própria fundação da cidade, sofrendo alterações em 1826, 1856, 1889, 1893, 1896, 1957 e 1963. O modelo atual (cuja data não foi possível apurar) é uma variante

próxima do desenho de 1963 (então brasão do estado da Guanabara). Na maioria das ocorrências é difícil fazer correlações históricas claras com as datas destes redesenhos ou com os símbolos utilizados em cada caso.

Em 1889, até percebe-se uma influência das armas da república sobre o brasão da capital federal, criado neste mesmo ano. Mas a transferência da capital para Brasília, e conseqüente criação do estado da Guanabara, por exemplo, deu-se em 1961 e a mudança do brasão só em 1963, dificultando correlações.

Nos termos da lei 384, de 23 de outubro de 1963, encontra-se a simbologia dos elementos utilizados:

O atual Brasão de Armas do Estado da Guanabara passará a ter a seguinte composição heráldica: Escudo Português em campo azul, cor simbólica da Lealdade. Esfera armilar manuelina, combinada com as três setas que supliciaram São Sebastião, padroeiro da Cidade, tudo de ouro, tendo ao centro o barrete frígio, símbolo do regime republicano. Justificando a cidade-capital, encimando o escudo, a coroa mural de cinco torres de ouro, tendo sobre a torre central uma estrela de prata, pousada sobre o arco inferior da base da coroa, símbolo de unidade federativa. Como suportes, dois golfinhos de prata, um à destra outro à sinistra, simbolizando cidade marítima. O da destra tem o ramo de louro e o da sinistra um ramo de carvalho, representando, respectivamente, a vitória e a força.

A partir daí tentou-se analisar a estrutura de cada brasão e a ocorrência dos elementos simbólicos nos mesmos.

O primeiro brasão (fig.2), é o mais singelo, contendo apenas a **esfera armilar** (esfera celeste com seus anéis de meridianos e paralelos) e as **setas de São Sebastião** inseridas numa forma de **escudo** – como nos primórdios da arte heráldica. A esfera armilar e as setas de São Sebastião estarão sempre presentes, exceto na versão de 1889 (fig. 5), que

Armas da cidade do Rio de Janeiro:

Fig 2: brasão de 1565



Fig 3: brasão de 1826



Fig 4: brasão de 1856



Fig 5: brasão de 1889



Fig 6: brasão de 1893 Fig 7: brasão de 1896 Fig 8: brasão de 1957 Fig 9: brasão de 1963



Fig 10: brasão atual

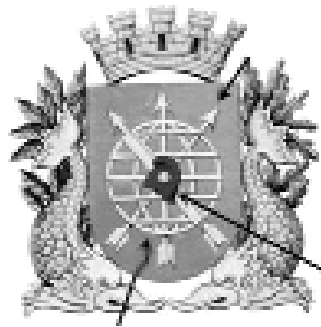


Fig 11: bandeira imperial



como dissemos, deve ter sido influenciada pelo brasão da república. Na esfera desta primeira versão aparece uma **faixa** com símbolos astrológicos. A faixa (não mais com tais símbolos) estará ainda presente nas versões de 1826 (fig. 3), 1856 (fig. 4), 1893 (fig. 6). Também nestes três modelos nota-se as setas encimando a esfera. Elas voltarão para o fundo da esfera a partir de 1896 (fig.7).

As setas de São Sebastião estão representadas em número de três, exatamente como no símbolo da arquidiocese do Rio de Janeiro, mas fala-se que foram sete, as flexas que atingiram o santo padroeiro da cidade.

O segundo brasão, de 1826 (fig. 3) apresenta **ramos** de café frutificado e tabaco florido (possivelmente numa alusão à agricultura), ladeando a esfera. Estes mesmos ramos estavam presentes na bandeira imperial brasileira de 1822. Esta foi a primeira bandeira realmente brasileira (pós-independência), apresentando o escudo de armas do Brasil, que além dos ramos utilizava-se dos seguintes elementos simbólicos principais: a cruz da Ordem de Cristo – patrocinadora das navegações – e claro, a coroa imperial (fig. 11).

Os ramos de café e tabaco desaparecem em 1856 (fig.4), reaparecem nos modelos de 1889 (fig. 5) e 1893 (fig.6), sendo então substituídos pelos ramos de louro e carvalho nos modelos a partir de 1896 (fig.7).

O terceiro brasão do Rio (fig. 4) é peculiar por dois de seus elementos: uma **moldura** barroca (único exemplo) e a introdução da **coroa mural**, que excetuando o modelo republicano (fig. 5) se perpetuará, apenas variando

seu desenho. Pela tradição heráldica usa-se o desenho de cinco torres (mas não necessariamente sob a forma de coroa) para representar cidades, sendo de ouro quando capitais, e de prata quando cidades ou vilas. Nos nossos brasões as torres, a princípio em número de três, aparecem sob a forma de coroa, passando para cinco torres em 1957.

O quarto brasão do Rio (fig.5), criado no ano da proclamação da república – quando a cidade passa a ser capital federal – mostra total influência das armas republicanas, que se mantém as mesmas até hoje (com pequena alteração em maio de 1968). Reaparecem, então, os ramos, surge a **estrela** (símbolo de unidade federativa) e o escudo redondo, contendo cinco estrelas de prata da constelação do Cruzeiro do Sul e borda com 22 estrelas de prata.

Fig 5: brasão de 1889



Fig 12: brasão republicano



Figs 13 e 14: insígnias do exército repetem elementos das armas republicanas



O brasão da república deve ter sido ainda o responsável por alguns dos símbolos utilizados pelo exército brasileiro (figs 13 e 14). E segundo Rocha (2003: 88) existe uma proposta em tramitação que prevê a substituição do ramo de fumo por um ramo de guaraná nas armas republicanas.

O quinto brasão (fig. 6) mantém estrutura e proporções muito semelhantes às do quarto modelo, porém recuperando os elementos gráficos anteriores, sem nenhum acréscimo de um novo símbolo.

O sexto brasão, de 1896, (fig.7) vai impor a forma e os símbolos que praticamente se perpetuaram até hoje. Aparecem os ramos de louro e carvalho, o **barrete** e os **golfinhos**. E continuam a esfera, as setas e a coroa.

O golfinho é considerado pela simbologia heráldica o animal marinho mais importante, e seu desenho nestes brasões lembra uma figura mitológica. Sua presença nas armas oficiais foi importante, tornando-se bastante pregnante, pois havia uma analogia direta com a presença desta

espécie na baía de Guanabara, que banha a cidade.

A curiosidade deste sexto modelo foi o desenho de uma **embarcação**, cuja vela era suporte para a esfera, as setas e o barrete. Este elemento não torna a reaparecer nas versões subseqüentes, sendo substituído por um escudo no mesmo modelo daquele do brasão de fundação da cidade.

3. Bandeiras e Estados

Em geral as cidades-capitais possuem a sua bandeira. A atual bandeira da cidade do Rio de Janeiro é um redesenho, muito próximo, da antiga bandeira do estado da Guanabara (que reproduzia o brasão da cidade-estado), enquanto a bandeira do estado do Rio de Janeiro é a mesma do período anterior à fusão de 1975. Ela é uma aplicação do brasão oficial do estado, instituído em 05/10/65 nos termos:

O presente brasão será de uso obrigatório em todos os documentos oficiais, substituídas as cores pela simbologia heráldica, e será também colocado no centro da bandeira estadual.

A mesma lei explicava que o brasão tem a forma tradicional dos escudos adotados pelo clero – oval, simbolizando os anseios cristãos do povo fluminense. Dentro dele, o campo azul representa o céu e simboliza a justiça, a verdade e a lealdade. Na silhueta da Serra dos Órgãos, destaca-se o pico Dedo de Deus. O verde representa a baixada fluminense e a faixa azul, o mar. O escudo é circundado por uma corda de ouro, simbolizando a união dos fluminenses. Uma águia na atitude de alçar vôo representa o governo forte, honesto e justo. (Assim como o golfinho, a águia é um animal importante na tradição heráldica). O café e a cana-de-açúcar representam os principais produtos da economia agrícola do estado. Finalmente, a estrela de 5 pontas de prata representa a capital.

Desde a proclamação da república, muitos estados ou cidades brasileiras adotaram armas próprias para utilização em fachadas de edifícios públicos, veículos e documentos oficiais. Tais emblemas,

Fig. 15: antiga bandeira do estado da Guanabara



Fig. 16: bandeira da cidade do Rio de Janeiro

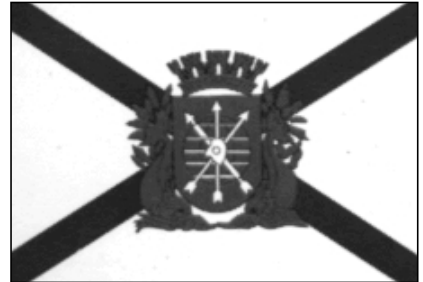


Fig. 17: bandeira do estado do Rio de Janeiro



entretanto, passaram a não se subordinar, na maioria das vezes, às regras clássicas da heráldica, sendo criticados pelos estudiosos do assunto, por apresentarem símbolos e alegorias em excesso e de gosto duvidoso.

4. A hora (e as vezes) do logotipo.

No início da década de 1960, quando o design gráfico começava a se configurar efetivamente como atividade no Brasil, Aloísio Magalhães desenvolve o símbolo do quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro. A imagem fazia alusão ao número 4 que se espelhava simetricamente, nos dois sentidos. Nenhuma referência foi feita a algum dos símbolos da cidade, mas a simplicidade da imagem era coerente com os preceitos que implantava-se para o design, e o ícone teve enorme aceitação popular.

Na década de 1970 será o escritório PVDI, do mesmo Aloísio, a desenvolver um extenso sistema de identidade visual para a cidade. Este trabalho cuidou também de um “redesenho” do brasão da cidade, não no seu aspecto formal, mas com o intuito de promover a sua reprodutibilidade.

O elemento principal deste sistema era o logotipo RIO, em helvética *outline*, ao qual juntavam-se, dentro de padrões estabelecidos, diversos complementos como RIOTur, ZooRIO etc.

Pelas suas qualidades técnicas, este projeto valeu, com poucas alterações, por aproximadamente 20 anos, até que o governo municipal de 1989 a 92, ainda usando o antigo logo, implementou dois projetos importantes, pelos quais quis se fazer lembrado: as obras do “Rio Orla” e a “Rio 92” que fazia parte de uma conferência, sobre o meio ambiente, para dirigentes internacionais. Estes dois eventos ganharam suas próprias marcas (o segundo através de concurso ganho pela designer Evelyn Grumach), que então passaram a assinar qualquer produto da prefeitura, e dando uma (ou mais?) marca a este governo municipal. A partir daí fica claro que cada governante *precisou* ter a sua própria marca registrada. Nenhuma delas parece ter falado à alma ou ao imaginário do carioca... Mas nos últimos governos, nota-se uma aproximação com o brasão da cidade.

Figs. 18 e 19: logotipo do Rio usado até a década de 1990.



Figs. 20, 21 e 22: logos e símbolos usados pelo governo 1989-92.



Figs 23 e 24: logos usados pelo governo 1993-96 (versão inicial e redesenho).



Fig 25: símbolo usado pelo governo 1997-2000, com alusão aos golfinhos do brasão.



Fig 26: símbolo implantado pelo governo 2001-04, tentando efetivamente recuperar o brasão.



Aos olhos leigos, desde 1896 o brasão do Rio é praticamente o mesmo, o que não acontece com os logotipos das diversas prefeituras... E seja pela qualidade de seus desenhos, por sua pouca exposição, ou exposição mal feita, nunca chegaram a ter pregnância efetiva ou criar associação imediata com o seu governante.

Ao que parece, a maioria da população não lembra espontaneamente da composição do brasão da cidade mas – ao contrário do que acontece com os diversos logotipos já utilizados – sabem que ele existe. Os golfinhos, especificamente, são bastante lembrados. Usando a linguagem de senso comum, o brasão é um *símbolo* da cidade. Sobre os logotipos das diversas prefeituras, que em tese também seriam, fica difícil dizer o mesmo... Como disse Rocha em seu trabalho sobre a bandeira nacional: “Estes símbolos, criados para significar o todo, devem ter significado para todos.” (2002: 18)

5. O imaginário

O que é um símbolo? O que é representativo da nossa cidade? O que é o Rio de Janeiro no imaginário carioca? E no estrangeiro? Por que as representações oficiais da cidade são tão diferentes das não oficiais (sejam estas produtos de design ou vernaculares)?

Do ponto de vista das ciências da comunicação, o símbolo é convencional. Existe nele um senso universal. Segundo Pierce, é uma das classificações do signo – algo que representa algo, que não a si mesmo, para alguém.

Do ponto de vista da psicanálise, todo pensamento humano é uma representação, pois passa por articulações simbólicas. As imagens são mensagens que afloram do inconsciente reprimido pelo consciente. São símbolos e constituem-se em modelo de pensamento indireto no qual um significante ativo remete a um significado obscuro. Cada incosciente é um incosciente, e psicanaliticamente o símbolo é tratado pelo ponto de vista do indivíduo, embora Freud tenha descrito os símbolos como tendo significação constante.

Especificamente para Lacan, é um dos três registros essenciais e inseparáveis, constitutivos do espaço discursivo em que o sujeito pode ser abordado. São eles o real, o simbólico e o imaginário.

O imaginário é caracterizado pela preponderância da relação com a imagem do semelhante. Podendo-se arriscar concluir que o imaginário é anterior ou primitivo, enquanto o simbólico é posterior e parte de conceitos definidos. Mas para alguns autores como o filósofo Durand (2001) “não há uma solução de continuidade entre o imaginário e o simbólico”.

O termo imaginário vem sendo estudado sob a luz de diferentes ciências como a psicanálise, a filosofia, a estética, a literatura e a antropologia cultural, sempre ligado às representações que os indivíduos dão a uma realidade.

Não pretende-se aqui responder todas as questões colocadas anteriormente. Mas merecem uma reflexão, pois parece-nos que cada uma das imagens oficiais da cidade é apenas uma representação... E poderiam ser qualquer outra... Uma representação que se distancia da imagem referencial da cidade.

Referências

- Coaracy, V. (1965). *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: José Olympio.
- Duarte, M. (2001). *Almanaque das bandeiras*, Rio de Janeiro: Difel.
- Durand, G. (2001). *O imaginário*, São Paulo: Editora Moderna.
- Portinari, D. (1999). A noção de imaginário e o campo do design in Couto, R. e Jefferson, A.(org) *Formas do design*, Rio de Janeiro: 2AB, pp 77-102.
- Rocha, F. (2003). *O Brasil da Bandeira*. Dissertação de mestrado não publicada. Departamento da Artes e Design. PUC-Rio
- www.worldzac.hpg.ig.com.br/armaria.html, acesso: março de 2003
- Fernandes, A. in *Jornal Brasileiro de Cultura*
- www.jbcultura.com.br/Anibal/healdica.htm, acesso: março de 2003

